

## REPORTAGENS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE SARTRE NO I CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA

O cinquentenário do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que trouxe ao Recife os escritores Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, foi lembrado pela jornalista Fabianna Freire Pepeu<sup>1</sup> numa série de reportagens publicadas entre os dias 7 e 14 de agosto de 2010 no Jornal do Commercio.

Os artigos resgataram aspectos culturais e intelectuais do Recife dos anos 1960. Aqui reunidos, eles vão permitir aos leitores uma interessante viagem pelo tempo rumo à aventura protagonizada em Pernambuco por Sartre, Simone de Beauvoir e por jovens professores que, dois anos mais tarde, estariam à frente da polêmica Revista Estudos Universitários.

**JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C**

Reportagem: Um encontro pioneiro com Sartre

Publicado em: 07.08.2010

Escritor francês e Simone de Beauvoir foram estrelas do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que se realizava há 50 anos no Recife.

---

1 [fabianapepeu@gmail.com](mailto:fabianapepeu@gmail.com)

Há 50 anos, a imprensa paulistana, carioca e mesmo a recifense encarou com certo desdém a realização do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que aconteceria na Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife, de 7 a 13 de agosto, e que teria como principal atração o casal existencialista francês superbadalado Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O jornalista pernambucano Aníbal Fernandes criticava a iniciativa dizendo que o casal Sartre-Beauvoir "teria vindo ao País muito mais interessado em conhecer novas paisagens do que em discutir temas literários", segundo anotou o professor Luís Antonio Contadori Romano, da Faculdade Prudente de Moraes (SP). "Fernandes parte do raciocínio de Sartre sobre Cuba (que o escritor visitara antes) para questionar a utilidade de um congresso de crítica literária numa cidade em que 50% da população era analfabeta – apesar da existência de três universidades", diz Romano. "Se não temos público para ler os livros, como pensar primeiro num congresso de crítica, antes de formar o maior número de leitores para esses livros?", criticou Fernandes na ocasião.

Além das críticas de fundo literário, na época circulava a informação de que o escritor francês teria vindo ao Recife mesmo foi para rever a jornalista pernambucana Cristina Tavares, por quem teria se encantado.

Organizado por um grupo de intelectuais pernambucanos, mais especialmente o reitor João Alfredo da Costa Lima e o crítico Eduardo Portella, o congresso reuniu cerca de 80 participantes. Entre eles, nomes luminares como Jorge Amado, Sérgio Buarque de Holanda, Afrânio Coutinho de Holanda, Eduardo Portella, Gilberto Freyre, os irmãos José e Elysio Condé, Wilson Martins, Waldemar de Oliveira, Luiz Costa Lima, o norte-americano Frank Snowden (da Faculdade de Letras de Harvard) e o português Adolfo Casais Monteiro.

## DEBATES

Singularidade da situação do escritor no presente momento nacional, Ideal e real na concepção da literatura e a formalização do trabalho literário foram alguns dos temas debatidos. Alguns daqueles debates, ocorridos há cinco décadas, ainda continuam atuais na academia e nos círculos literários.

"Para os críticos e teóricos da literatura o congresso, significou um momento de grande conquista. Até os anos 1960, o jornal era o espaço por excelência da crítica literária. A inclusão desta e da teoria da literatura como disciplina nos currículos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras foi um conquista daquele evento", reflete Dimas Brasileiro Veras, que no próximo dia 27 defende a tese Sociabilidades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964) para obtenção do seu título de mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A revista em estudo, que publicou em seu primeiro número artigo do sociólogo Gilberto Freyre e, depois, textos dos irmãos Augusto e Haroldo Campos, de Décio Pignatari e Celso Furtado, só para citar alguns exemplos, era coordenada por parte do mesmo grupo que deu corpo à ideia de fazer o congresso. É também Dimas quem nos diz que o congresso chamou a atenção no sentido de mostrar que o Recife não era uma província como se pensava. "A passagem de Sartre sinaliza que havia uma produção artística e intelectual na cidade." Segundo ele, Sartre – ao falar sobre a necessidade de o escritor estar atento ao que acontece em seu momento histórico – reafirmou uma tese defendida pelo teórico Luiz Costa Lima no evento, que pregava um chamado à vocação social da literatura, linha de ação da qual Sartre era uma espécie de porta-voz.

## JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C

Reportagem: Visita ainda persiste na memória de intelectuais

Publicado em: 07.08.2010

A professora e escritora Luzilá Gonçalves não chegou a participar do evento literário, realizado há 50 anos. Na época, estudava no Centro de Estudos Superior de Francês, no Rio de Janeiro. Mas lembra de ter sido aquele um grande acontecimento, muito também graças à presença do escritor francês Jean-Paul Sartre. "Na França, nesse período, os intelectuais haviam assinado o Manifesto dos 121, que era contrário à guerra na Argélia", relembra. Segundo Luzilá, essas personalidades francesas acreditavam que Sartre teria vindo ao Brasil para propagar esse ideário pacifista. "O que se dizia era que, enquanto os que assinaram o manifesto e estavam na França respondiam a processos impetrados pelo general De Gaulle, o escritor estaria por aqui tomando caipirinha", diz. É ainda a escritora pernambucana quem conta que – em muitas ocasiões – ele não era bem-vindo "No bar, diziam, lá vem o chato do Sartre." Ainda em viagem pelo Brasil, o escritor francês fez palestras no Rio de Janeiro, ao lado de sua companheira, a também escritora Simone de Beauvoir. Luzilá foi aos eventos. "As palestras foram realizadas no Ministério da Educação e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas nas duas ocasiões os temas abordados não foram políticos, como ocorreu aqui no Recife, o assunto foi mesmo a própria literatura", diz.

Na memória do sempre irreverente e gentil do professor, cineasta e poeta Jomard Muniz de Britto, a lembrança mais forte que ficou daquele congresso de literatura é bem pitoresca. "Eu era mais ligado ao cinema naquela época, e o que eu lembro mesmo foi da palestra de Sartre", diz. Para ele, ficou registrado uma imagem do jornalista Nilo Pereira conduzindo o escritor francês por um corredor e, depois, por uma escada de degraus estreitos que dava acesso ao local onde ocorreria o debate na Faculdade de Filosofia de Pernambuco. "Sartre tropeçou e Nilo fez uma brincadeira dizendo que aquilo seria

'le degré du savoir"', rememora. Os degraus ou graus do saber, já que em francês a expressão pode ser usada com significados diferentes. "Também lembro de um jovem talentoso, de pouco mais de 20 anos, que fez a tradução simultânea da palestra", conta. Tratava-se do então estudante de Direito, o hoje economista e ensaísta pernambucano Roberto Cavalcanti de Albuquerque (F.F.P.).

## JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C

Reportagem: Escritor francês encantou-se por Cristina Tavares<sup>2</sup>

Publicado em: 12.08.2010

A questão do relacionamento entre Sartre e Cristina, a partir do congresso no Recife, me parece ter assumido dimensões muito sensacionalistas e até paroquianas. E não apenas para a imprensa pernambucana, para a qual é inevitável a curiosidade que cerca uma de suas militantes mais queridas. Parece-me, no entanto, que fatos importantes para se entender o lugar de Sartre no Brasil, seu encanto pela personalidade de Cristina, ou a sedução que um intelectual público de seu porte exercia sobre a juventude brasileira naquele momento, ficaram em segundo plano.

É impressionante que tanto tenha sido publicado acerca do amor brasileiro do filósofo francês e tão pouco sobre o próprio sentido de sua tournée pelo Brasil. Minha impressão é que se algo aproximou Sartre e Cristina parece ter sido o sentido de seu discurso entre nós. Enquanto, na França, a estrela entrava em eclipse vis a vis as posições face à União Soviética, à Coreia ou à Argélia – que o levariam a romper com antigos parceiros – na América Latina o seu discurso ganhava conotações emancipatórias. O discurso terceiro-mundista de esquerda, o apoio à revolução cubana, a aposta no Brasil como ator geopolítico de peso, o elogio aos movimentos de ocupação de terras pelos camponeses no Nordeste, pareciam apelar à eletricidade vital – para usar uma expressão de época da jornalista – das camadas mais urbanizadas, cosmopolitas, intelectualizadas, politizadas quando em contato com o povo.

Para Simone, a figura de Cristina falava das contradições da sociedade patriarcal brasileira na qual a liberdade, a rebeldia e a mobilidade da mulher surgiam como fenômenos difíceis de entender. É o que se depreende das páginas pernambucanas de sua autobiografia de 1963 e na Cerimônia do Adeus, foi assim que Sartre lhe falou de Cristina: "Eu não teria compreendido Cristina, se ela não tivesse o caráter que tinha. Ao mesmo tempo, isso me confundia um pouco. Mas era uma qualidade secundária. A qualidade primeira era ela, seu corpo, não seu corpo como objeto sexual, mas seu corpo e seu rosto como resumindo essa afetividade não conhe-

---

2 Matéria escrita a partir de informações repassadas por José Lira, que é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e sobrinho de Cristina Tavares.

cível, não analisável, que era a base de minhas relações com a mulher". Então se Cristina podia para eles representar todo um País ou uma região, o que lhes surgia como algo perturbador era sua condição feminina, nordestina, rebelde, paradoxal.

Confesso achar muito desperdício de assunto ficar insistindo na ideia de um romance ou amor platônico entre Sartre e Cristina. Em vida, ela jamais o afirmou. Nem mesmo na intimidade. Seu vínculo com Sartre, assim como com Simone não foi irrelevante. Mas foi de outra natureza. Não saberia dizer o impacto desse convívio na vida do casal ou em suas ideias. Mas parece muito eloquente o magnetismo que se criou entre a escritora feminista internacional, o filósofo marxista da existência e a jovem pernambucana, apaixonada pela natureza e a política, as crianças e o cinema novo, a xilogravura popular, o folheto de cordel, Dostoievski, Kafka, Graciliano, Guimarães, Sartre e Beauvoir.

## JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C

Reportagem: Filósofo era o símbolo do intelectual engajado

Publicado em: 12.08.2010

Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em Paris em 21 de junho de 1905. Ainda adolescente, tornou-se amigo inseparável do escritor Paul Nizan. Em 1928, prestou exame de mestrado e foi reprovado. Durante o ano de preparação para a segunda tentativa, estuda com Nizan e René Maheu na Sorbonne. Conhece a namorada de Maheu, Simone de Beauvoir, que mais tarde se tornaria sua companheira e colaboradora até o fim da vida. Sartre e Beauvoir não se casaram e mantinham uma relação aberta. Suas correspondências são repletas de confidências sobre suas relações com outros parceiros. Além da relação amorosa, tinham uma grande afinidade intelectual. Em 1943, aos 38 anos, Sartre publicou seu mais famoso livro filosófico, *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*, que condensa todos os conceitos importantes da primeira fase de seu sistema filosófico.

Em 1945, Sartre cria e passa a dirigir junto a Maurice Merleau-Ponty a revista *Tempos Modernos*, onde são tratados mensalmente os temas referentes à literatura, filosofia e política. Além das contribuições para a revista, Sartre elabora neste período algumas de suas obras literárias mais importantes. Sempre encarando a literatura como meio de expressão legítima de suas crenças filosóficas e políticas, escreve livros e peças teatrais que tratam das escolhas que os homens tomam frente às contingências às quais estão sujeitos. Entre estas obras, destacam-se a peça *Entre quatro paredes* (1945) e a trilogia *Os caminhos da Liberdade*, composta pelos romances *A idade da razão* (1945), *Sursis* (1947) e *Com a morte na alma* (1949).

Na década de 1950, assume uma postura política mais atuante e abraça o comunismo. Torna-se ativista e posiciona-se publicamente em defesa da libertação da Argélia do

colonialismo francês. A aproximação do marxismo inaugura a segunda parte da sua carreira filosófica, em que tenta conciliar as ideias existencialistas de autodeterminação aos princípios marxistas. Escreve então sua segunda obra filosófica de grande porte, *A crítica da razão dialética* (1960).

Considerado por muitos o símbolo do intelectual engajado, Sartre adaptava sempre sua ação às suas ideias, e o fazia sempre como ato político. Em 1963 Sartre escreve *As palavras*, lançado em 1964, relato autobiográfico que seria sua despedida da literatura. Após dezenas de obras literárias, ele conclui que a literatura funcionava como um substituto para o real comprometimento com o mundo. Em 1964 recebe o Nobel de Literatura, prêmio que recusa porque, segundo ele, "nenhum escritor pode ser transformado em instituição". Sartre morre em 15 de abril de 1980, em Paris. O funeral foi acompanhado por mais de 50 mil pessoas. Seu corpo está enterrado no Cemitério de Montparnasse em Paris. No mesmo túmulo jaz Simone de Beauvoir

## JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C

Reportagem: Sob céu olindense, autor entreteve-se com a lua

Publicado em: 12.08.2010

Quando Luiz Costa Lima – uma obra em questão, de Dau Bastos, for lançado, no próximo dia 26, na Livraria da Travessa, em Ipanema, no Rio de Janeiro, pouca gente vai lembrar que o teórico que, agora, ganha um livro com mais de 400 páginas, no qual 18 especialistas se dedicam a dialogar com a sua produção, quase não conseguiu participar do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, no Recife em 1960. "Talvez pela minha pouca idade (na época, tinha pouco mais de 20 anos), creio que os pauteiros julgaram que o texto fosse grosseiro, inadequado, sugerindo uma discussão sobre questões políticas. A minha participação foi adiada da manhã para tarde e, depois, por vários dias, só vindo a ocorrer graças à intervenção dos portugueses exilados Adolfo Casaes Monteiro e Jorge de Sena, além de Maria de Lourdes Belchior de Pontes. Eles eram convidados estrangeiros ilustres. Eu, apenas um participante", lembra Luiz Costa Lima, hoje professor de Literatura Comparada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). "Nem lembro a temática, mas sei que era algo voltado para a questão política apontando que o escritor não deveria funcionar em cima das nuvens", diz. Seu modo de pensar o tema não mudou substancialmente. "O escritor deve ser como todo cidadão comum: atento à cena política. Se o cidadão não é, nada posso dizer nada, mas, em relação ao pequeno grupo ao qual pertenço, eu posso sugerir que, sendo o escritor um homem da palavra, que ela – a palavra – tenha lugar para uma dimensão política. Isso hoje não é uma novidade, é banal, mas o que continua novo é que poucos praticam. É muito mais tranquilo ficar no seu canto, deixando a onda passar", avalia.

"Nem lembro se a minha leitura trouxe alguma repercussão, mas eu me senti glorioso porque achei que era um gesto de rebeldia", diz com o orgulho de outrora, que seria calado, logo depois, com a inclusão de seu nome na lista do AI-1 da ditadura militar brasileira, em outubro de 1964.

Considerando um dos principais críticos de sua geração, ao lado de nomes como Alfredo Bosi, Davi Arrigucci Júnior e Roberto Schwarz, Costa Lima lançou o seu primeiro livro em 1966, mantendo a média de um título novo a cada dois anos. Entre as suas obras, destacam-se: Trilogia do Controle (2005), Ficção. História. Literatura (2006), O controle do imaginário e a afirmação do romance (2009).

Sobre as memórias de Sartre naqueles distantes anos 1960, o escritor diz: "Como nunca fui muito chegado a rodas sociais, não posso lhe dar uma resposta muito convincente. Além do mais, eu era um garoto de 23 anos e lhe garanto que ninguém me convidou para algum festejo ao ilustre casal. Da palestra que ele deu, lembro muito pouco. Do que mais me recordo, foi a impressão forte deixada por sua entonação de voz. Feio e vesgo, ele tornava-se uma personalidade forte pela sua voz. Sei que sua palestra tratava da situação do escritor francês naquele momento em que se iniciava a tensão, a ser desencadeada por toda a América Latina dentro de poucos anos. Naquele momento, o tema básico ainda era relativamente distante para nós, que era a questão da descolonização dos países africanos e asiáticos pelas grandes nações européias. Mais próximo de nós era o apoio prestado a Cuba (apoio que Sartre logo se arrependeria pela maneira como o governo cubano punia seus opositores)", explica ele.

E de Sartre, que outras lembranças ficaram? "Ele estava muito distante de mim para que guardasse mais do que a lembrança da ousadia de questioná-lo", completa o teórico, que já nem lembra qual era o ponto. Aliás, nem ele nem seus contemporâneos.

Por último, diz: "Se bem recordo, foi Roberto Cavalcanti de Albuquerque quem fez a tradução da minha intervenção". Foi isso mesmo. Foi o então estudante de direito quem fez a tradução da palestra do escritor francês, performance sempre elogiada pelos que participaram do encontro. "Era um jovem realmente talentoso", disse, por exemplo, o professor, poeta e cineasta Jomard Muniz de Brito.

Roberto, que divide sua vida entre o Recife e o Rio de Janeiro, é hoje economista, com mestrado pela Columbia University (Nova Iorque, EUA) e ensaísta. Na verdade, ele explica que nem estava participando do congresso. Foi à palestra por ter se "enfronzado", como arrisca ele, em O ser e o nada – primeiro tratado filosófico de Sartre. "O auditório estava lotado, mas se constatou que boa parte não compreendia o francês, sugeriram meu nome e eu, surpreso, quase aflito, diria, aceitei a incumbência. Hesitante de início, logo engrenei, facilitado pela clara exposição do escritor", revela, anos depois.

Ele também se recordava de um outro momento ao lado do existencialista francês. Foi numa ceia, na casa do dramaturgo Joel Pontes, já falecido.

"Nada traduzi porque quase todo mundo dominava mais ou menos o idioma. Nessa noite, tive uma breve conversa a sós com Sartre. Estávamos debruçados em uma janela da casa, com vista sobre Olinda. Arguto observador, ele notou que a lua que iluminava o céu tinha a forma de um C, e que ia crescer da esquerda para a direita. 'É engraçado', exclamou, 'Na Europa, é justo o contrário, a lua é um C invertido, que cresce da direita para a esquerda!'", conta. "Quem está com a razão?", teria perguntado Roberto, com uma ponta de ironia. "Magias da terra", respondeu Sartre, pensativo. "Outros encontros de que tive notícia foi o do Bar Savoy, narrado posteriormente em livro por Edilberto Coutinho, e, possivelmente, os com Cristina Tavares, Celso Furtado e Gilberto Freyre" diz.

## JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C

Reportagem: Sartre defendia uma escrita não burguesa

Publicado em: 13.08.2010

Na palestra que fez no Recife, a 13 de agosto de 1960, o autor, pai do existencialismo, demonstrou desconhecimento da literatura brasileira.

A esperada palestra do escritor francês Jean-Paul Sartre no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária ocorreu há exatos 50 anos, um dia após a sua chegada à capital pernambucana. O filósofo existencialista escolheu o tema Literatura, fato nacional, mas logo tratou de explicar ao público presente à Faculdade de Filosofia que não iria falar por muito tempo, estando mais interessado em propor uma discussão.

"Eu venho ao Brasil e tenho muito o que aprender com ele", disse Sartre, de acordo com o texto da conferência reconstituída sobre notas taquigráficas. A transcrição consta dos anais do congresso e foi publicada pela Tempo Brasileiro, editora de Eduardo Portella, um dos organizadores do colóquio. Sartre não chegou a revisá-la. "Quero saber da possibilidade de uma compreensão recíproca entre um escritor de um país de literatura burguesa – como a França – e um País de literatura popular, como creio que é o Brasil", disse.

Para Sartre, desde o século 17, era a burguesia – para usar seus termos – quem vinha produzindo o movimento literário e imaginando realizar uma literatura do tipo universal. "Pensamos, quando escrevemos um livro, que poderemos realizar a concordância dos espíritos (...), sejam eles estrangeiros ou apenas nacionais, a respeito do que é dito, narrado, sobre a descrição psicológica ou social que existe no interior do romance – do mesmo modo que, por exemplo, nas ciências, uma lei científica, experimentalmente provada, realiza a concordância dos espíritos", explicava.

Segundo ele, a partir do século 18, falava-se de uma literatura universal. "Diz-se que a França tem como especialidade o "universal". Isto não é, ao contrário do que se pensou na época, um elogio porque isto significa que o escritor francês se preocupou por muito tempo – e se preocupa ainda – com problemas do homem geral, antes de se preocupar com os problemas especificamente franceses, ou, mais exatamente, que não há na França – por causa da estratificação social que acompanhou o triunfo da burguesia – uma unidade que pudesse verdadeiramente escrever para o povo francês. Escreve-se para grupos e cada um desses meios tem a sua ideologia, seus interesses, seu pensamento", discorria.

Ainda disse na palestra que, em seu país, as questões abordadas nos livros passaram a ser todas "na base de um plano universal, como se existissem não franceses, brasileiros, ingleses, mas um homem universal, em toda parte igual".

Ele avaliava que os escritores franceses, já há muito, estavam desenraizados de sua realidade social e que o romance brasileiro – que ele admitia conhecer pouco, mas desejava conhecer mais – talvez não obedecesse aos problemas ditados pelo universalismo burguês, primeiramente, segundo o autor, porque, como em muitos jovens países, a burguesia não tem este velho desenvolvimento de quatro séculos como a francesa, nem este mundo muito dividido que é o mundo das velhas nações burguesas européias.

"Que a indústria não teve ainda tempo de criar zonas de separação absolutamente distintas entre certas camadas do povo, e que, por conseguinte, existe ainda uma unidade popular, que esta burguesia menos desenvolvida e menos velha não pode (porque não é provavelmente ainda suficientemente numerosa) monopolizar a leitura", opinou.

Por fim, com uma visão distante da realidade brasileira, fazia um convite humilde: "Se é nesse sentido que se orienta a literatura brasileira, pergunto eu: podemos nós, escritores brasileiros e escritores franceses, nos enriquecer reciprocamente? Em outras palavras: que pode uma literatura rica e concreta, popular, trazer de novo a escritores formados pelo universalismo?".

## JORNAL DO COMMERCIO – Caderno C

Entrevista: Sartre como amuleto para a modernidade<sup>3</sup>

Publicado em: 14.08.2010

No fim deste mês, o historiador Dimas Brasileiro Veras apresenta a dissertação Sociedades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964), no Progra-

---

3 Entrevista concedida por Dimas Brasileiro Veras.

ma de Pós-Graduação em História, da UFPE. O trabalho analisa a publicação Estudos Universitários, editada pela Universidade do Recife (atual UFPE) nos anos 1960. Em sua pesquisa, avalia o espaço ocupado por essa revista no cenário sociopolítico e cultural da época. Neste percurso, descobriu as ligações entre os intelectuais pernambucanos e o ícone existencialista Jean-Paul Sartre, que veio ao Recife em agosto de 1960. Nesta entrevista, ela conta detalhes desta relação.

### JC – QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DA PASSAGEM DE JEAN-PAUL SARTRE PELO RECIFE, NAQUELE MOMENTO DE REALIZAÇÃO DO CONGRESSO?

**DIMAS BRASILEIRO VERAS** – A passagem de Sartre pelo Recife reafirma a efervescência cultural que vivia a cidade naquele período, iniciada com a redemocratização que sucede a derrocada do Estado Novo e se estende até o advento do Regime Militar. Dinamismo que passava pelas novas rádios da cidade e seus programas de auditório – rádio Tamandaré e rádio Jornal do Commercio (a multifacetada equipe montada por Francisco Pessoa de Queiroz, da qual podemos citar, por exemplo, Guerra Peixe), pelo teatro amador e estudantil (Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna liderando o Teatro de Estudantes e depois o Teatro Popular do Nordeste), pelos inúmeros cineclubes que se espalhavam cultuando o cinema moderno (os clássicos da Nouvelle Vague e do Cinema Novo eram exibidos em primeira mão), pela crescente população universitária, pelas publicações artesanais do Gráfico Amador, pela melomania das sociedades musicais que cultivavam de Schoenberg aos maracatus do Recife (o maestro Vicente Fittipaldi à frente da Orquestra Sinfônica do Recife), os modernos salões de fotografia, a crítica jornalística e os cadernos literários dominicais, bem como as crônicas jornalísticas de cinema, e, finalmente, os movimentos de educação e cultura popular (o cinquentão Movimento de Cultura Popular). Não é por mera coincidência que o homem responsável por convidar Sartre na França tenha sido o pintor Vicente do Rêgo Monteiro que, na época, vivia em Paris. O Recife era, então, um ambiente que irradiava cultura e seus multifacetados produtores. Por outro lado, a vinda do maior nome de uma intelectualidade que se queria socialmente e politicamente engajada reforçava os ideais progressistas da Frente do Recife – arregimentada pelo, então, prefeito Miguel Arraes e outras lideranças de esquerda como Paulo Cavalcanti e Pelópidas da Silveira. Enfim, cabe ressaltar o empurrão que dava à nascente e precária comunidade universitária recifense. Ou seja, a vinda de Sartre sublinhava nossa ânsia por modernidade cultural, política e universitária.

### JC – O QUE SIMBOLIZAVA SARTRE PARA OS INTELLECTUAIS PERNAMBUCANOS DAQUELE PERÍODO?

**DIMAS** – Sartre era o maior ícone deste novo humanismo representado pelo existencialismo. Embora os intelectuais recifenses estivessem mais afinados com o existencialismo cristão de Mounier, Maritain, Gabriel Marcel ou mesmo do Padre Lebreton, que havia passado por aqui nos anos 1950, prestando serviços para o Estado e divulgando o movimento Economia e Humanismo, a vinda do maior nome desta corrente filosófica

era motivo de grande orgulho para a intelligentsia progressista e tradicionalista da cidade porque sublinhava a fecundidade cultural e intelectual do Recife. Decerto, escritores e pesquisadores nordestinos, como o próprio Gilberto Freyre, eram negligenciados pela intelligentsia do eixo Rio-São Paulo, neste sentido, a vinda de Sartre, ou ainda, por exemplo, os artigos publicados pelo crítico suíço Pierre Fürter na revista de cultura da Universidade do Recife, chamam a atenção para uma produção cultural e intelectual riquíssima que, até então, estava sendo desprezada.

### **JC – QUAL ERA A RELAÇÃO ENTRE A TESE DEFENDIDA PELO HOJE CRÍTICO LUIZ COSTA LIMA, DURANTE O CONGRESSO, E O IDEÁRIO SARTRIANO?**

**DIMAS** – Quando o jovem professor de literatura brasileira da Universidade do Recife defende a responsabilidade política do escritor em períodos de efervescência, como aquele que estava vivendo a sociedade brasileira, ele caminha em direção ao modelo de intelectual engajado defendido por Sartre, embora o conceito de “transitividade” tenha sido tomado emprestado das análises educacionais do professor e amigo Paulo Freire. A interlocução com Educação e atualidade brasileira, tese de livre docência defendida por Paulo Freire em 1959 na Escola de Belas Artes, enuncia esta nova disposição política de toda uma geração que estava preocupada em inserir seus fazeres diários neste contexto de transformação da sociedade brasileira. O apelo de Sartre pelo engajamento político e social dos homens de letra está agenciado a esta nova conjuntura, embora, não a explique. Para o jovem Costa Lima o que está em jogo é um modelo de intelectual socialmente desinteressado, normalmente atrelado às forças políticas conservadoras, e um fazer participante, vinculado ou não aos grupos políticos mais progressistas. Tal como o escritor, o crítico literário não poderia se esquivar de suas responsabilidades, encerrando-se num esteticismo vazio, sem facilidades ou didatismo. Era preciso extrair as potencialidades formais da cultura, urdindo crítica e conscientização: “Parece-nos que a crítica contemporânea brasileira não está atualizada para o específico instante nacional. Esta modalidade de compromisso político-social não se dá acriticamente, tal como entre os entusiastas do realismo socialista e do dirigismo cultural, mas sim de maneira complexa e ambígua, criticando, porém também aderindo a uma concepção de cultura combativa e comprometida. Neste prisma, a literatura passa a ser analisada como campo passível de uma crítica profunda da realidade brasileira e seus possíveis antagonistas”, dizia Costa Lima.

### **JC – A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE SARTRE ECOAVA NO IDEÁRIO QUE CIRCULAVA NO RECIFE DA ÉPOCA?**

**DIMAS** – Certamente estava presente não só nos debates promovidos nos círculos letrados da cidade como nos trabalhos e artigos publicados na época, além de vários textos teatrais seus terem sido encenados na cidade. O próprio Costa Lima cita o *Qu'est ce que la littérature?* numa edição francesa de 1948, na tese que defendeu no Congresso de 1960. Outro exemplo foi o curso *Contribuições Francesas à Cultura Moderna*, promovido em agosto de 1962, pela Embaixada Francesa e pelo Serviço de Extensão

Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR), cujo diretor era Paulo Freire. Na própria revista publicada pelo SEC/UR, encontramos ensaios, estudos e resenhas publicados sobre Sartre e o existencialismo. Podemos citar como exemplo: *Marxisme et existencialisme de Jean-Paul Sartre e outros*: tema proposto para um debate público, publicada por Jomard Muniz de Britto e *Existencialismo e Marxismo*, de Benedito Nunes, ambos publicados na *Estudos Universitários* em 1963. Mas o tema está igualmente presente nos cadernos literários dominicais dos principais jornais da cidade.

**JC – SUA DISSERTAÇÃO DEDICA-SE A REVISTA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS, MAS SERIA POSSÍVEL VISLUMBRAR UMA INTERFACE ENTRE A PUBLICAÇÃO, O COLÓQUIO LITERÁRIO E O ESCRITOR FRANCÊS?**

**DIMAS** – Direta ou indiretamente, aqueles que faziam a revista estavam ligados à realização do congresso. O próprio Paulo Freire era assessor do reitor João Alfredo Costa Lima, que se empenhou em trazer Sartre ao Recife. Afinal, para esse grupo Sartre representava o modelo de intelectual socialmente comprometido que o grupo defendia. Nesse contexto, o intelectual seria alguém integrado à comunidade e às questões do seu tempo. Uma forma de compreender melhor essa ideia é lembrar o conceito de Gramsci do intelectual orgânico.